Notas sobre o COVID-19 na América Latina e no Caribe

Prof. Múcio Tosta Gonçalves
Departamento de Ciências Econômicas da UFSJ
28 de maio de 2020

Na América Latina e no Caribe, no momento em que o presente texto foi concluído, haviam sido registrados pela Organização Mundial da Saúde – OMS[1] 806.246 casos de contaminação de pessoas pelo Covid-19 (391,2 mil deles, ou mais de 48%, apenas no Brasil), com um total de 43.424 mortos (no Brasil, mais de 24,5 mil, ou mais de 56%). A região, formada por um total de 34 nações (excluídos possessões e territórios do Reino Unido, dos Países Baixos e dos Estados Unidos da América – EUA), passou a ser considerada, pela OMS, como o novo epicentro da doença no planeta.

A taxa de propagação da contaminação pelo coronavírus é outro dado alarmante; em 27 de fevereiro de 2020, o primeiro caso na região foi identificado, no Brasil[2]. Em 01 de março, foram identificados três novos casos na região (um no Equador e dois no México), totalizando quatro em toda a região. Em 15 de março, o vírus espalhara-se por 22 dos países da América Latina e Caribe, com 445 casos confirmados e quatro mortes. Em 31 de março do mesmo ano, todos os países da região apresentavam casos confirmados (num total de 15.497), com um total de 357 mortes. Em 28 deles, a contaminação já ocorrera por transmissão local.

Assim, em 92 dias, desde o final de fevereiro de 2020, houve um aumento verdadeiramente assustador do número de casos e de mortes. Os países que mais vem sofrendo com o avanço da doença provocada pelo vírus são, além do Brasil, o Peru, o Chile, El Salvador, Guatemala e Nicarágua[3]. Além deles, a situação também é grave em Honduras, no Haiti, no Equador, no México e na Venezuela.

Em boa medida, isso é o resultado de deficiências historicamente existentes da infraestrutura de serviços de assistência pública (por exemplo, das paupérrimas condições da infraestrutura de atendimento hospitalar e sanitário) e da situação de conflitos políticos crescentes na região.

De acordo com simulações do Banco Mundial, a crise provocada pelo Coronavírus (COVID-19) não tem precedente no mundo, em relação aos seus impactos sociais e econômicos, nas décadas recentes.

Segundo estudo realizado pelo Banco Mundial, a pandemia poderá levar cerca de 60 milhões de pessoas para a extrema pobreza em todo o mundo, ainda em 2020.

---

[1] Dados disponíveis em https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200527-covid-19-sitrep-128.pdf?sfvrsn=11720c0a_2. Os dados são relativos à situação comunicada à OMS pelos governos até as 5 horas da manhã do dia da divulgação. Assim, existe alguma defasagem entre os números da Organização e os que, eventualmente, são divulgados internamente a cada país pelas autoridades competentes.

[2] Dados disponíveis nos seguintes relatórios de situação diária da OMS, respectivamente: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200227-sitrep-38-covid-19.pdf?sfvrsn=2db7a09b_4; https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200301-sitrep-41-covid-19.pdf?sfvrsn=6768306d_2; https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200315-sitrep-55-covid-19.pdf?sfvrsn=33daa5cb_8; https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200331-sitrep-71-covid-19.pdf?sfvrsn=4360e92b_8.

[3] Informação disponível em https://www.aljazeera.com/news/2020/05/coronavirus-accelerating-latin-american-countries-200526173448409.html.

Desse total, 2,7 milhões de pessoas vivem na América Latina e no Caribe[4] (MAHLER et al., 2020).

A extrema pobreza é a situação, segundo o Banco Mundial, na qual a renda individual é inferior a U$1.90 (um dólar e noventa centavos) por dia. Em 2018, esse número era de 28 milhões de pessoas. Com os novos sujeitos que deverão cair na miserabilidade, esse número superará a marca dos 30 milhões de pessoas – ou pouco mais de 7% da população latino-americana.

Outras fontes apontam uma situação ainda pior. Para a Comissão Econômica para a América Latina e a Organização Internacional do Trabalho, ambas da ONU, o número de pessoas na situação de extrema pobreza poderá chegar, na América Latina, a 83 milhões de pessoas (CEPAL; OIT, 2020).

Na América Latina, portanto, será significativo o número de homens e de mulheres (adultos, jovens e crianças) que perderão, próxima e rapidamente, as condições mínimas para uma vida digna, já que a situação da extrema pobreza decorre, sobretudo, da incapacidade de inserção ou da permanência precária no mercado de trabalho. A precarização, por sua vez, significa a degradação do trabalho.

O que torna esse cenário pior, do ponto de vista da Cepal e da OIT (2020), é que a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto da região, que caiu de 6% para 0,2% entre 2010 e 2019, poderá contrair 5,3% em 2020.

Conforme sugere Webber (2020), a pandemia exacerbou as condições negativas da situação social que vinham se deteriorando gravemente desde pelo menos 2013 em grande parte da América Latina e do Caribe. Um elemento agravante desse quadro, é que "[...] *muitas das melhorias modestas, porém importantes, nas taxas de pobreza e desigualdade de renda alcançadas durante a era de governos progressistas e de dinamismo capitalista impulsionado por um boom global de mercadorias (entre 2003 e 2012) já havia sido significativamente revertida*" (WEBBER, 2020).

O desemprego, a perda salarial e a precariedade laboral decorrentes das dificuldades para contornar a herança da crise econômica herdada da primeira década do século XXI, juntas, levarão significativo contingente de pessoas a perder as condições básicas para o exercício da cidadania.

A gravidade desse quadro dependerá, por sua vez, das políticas que atualmente acompanham, e daquelas que acompanharão, a recuperação (a tal volta à "normalidade") a partir do fim da pandemia.

Esse é um assunto importante porque, ainda conforme o estudo da Cepal e da OIT (2020) e informações do Observatório da América Latina (2020), Brasil, México, El Salvador, Guatemala, Argentina, Equador e Nicarágua são os países nos quais os trabalhadores terão maiores ameaças à manutenção dos seus empregos.

Essas ameaças estão associadas à informalidade na relação contratual de trabalho. O emprego informal, que não gera vínculos contratuais entre o trabalhador e a organização que o contrata, é também aquele que tem remuneração reduzida. Nesse momento da pandemia, ele pode ser o trabalho remoto não regulamentado, por exemplo.

No caso do Brasil, por exemplo, o número de trabalhadores que está em situação vulnerável no contexto da pandemia é igual a 83,5% da força de trabalho empregada:

[4] https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/05/19/world-bank-group-100-countries-get-support-in-response-to-covid-19-coronavirus.

36,6% possuem vínculos informais de trabalho e 45,9% estão ocupados em setores mais severamente afetados pela retração das atividades econômicas.

A situação é especialmente ruim para os empregados dos ramos da alimentação, comércio varejista (supermercados, farmácias), segurança (privada), abastecimento de combustível e serviços públicos essenciais (com destaque para os serviços de atendimento à saúde, segurança, tratamento sanitário, funerárias e distribuição de água e energia elétrica).

E essa situação é pior para as mulheres, especialmente para as negras (por exemplo, na condição de trabalhadoras domésticas), assim como para os homens (em especial os negros) (REDE DE PESQUISA SOLIDÁRIA, 2020; REEVES; FORD, 2020). Nesse sentido, não se pode dizer que seja verdade que o Covid-19 não é um vírus que não discrimina...

Além disso, a informalidade e a transferência do local de trabalho para a casa geram a sobrecarga do trabalho doméstico feminino e infantil – o que pode associar-se, muitas vezes, à violência contra estas mesmas mulheres e crianças. Reside aí uma questão crucial, por que a situação de emergência em que nos encontramos não é cega, também, aos problemas de gênero, conforme argumentam Grown e Sánchez-Páramo (2020).

É importante deixar claro, ainda, que essa situação do desemprego e precarização do trabalho não é exclusiva da América Latina. Estudos tem demonstrado que nos Estados Unidos da América a situação é similar para os e as trabalhadoras pobres e com menor grau de escolaridade formal (BOUSHEY; CUMMING, 2020).

Uma das principais causas para a gravidade da situação destes trabalhadores e trabalhadoras é o fato de não contarem com redes de proteção social e nem políticas públicas que promovam e garantam as mínimas condições de trabalho e acesso à riqueza por eles produzida.

Nesse sentido, as atuais políticas de organização da sociedade e da economia, na América Latina, devem indicar como será possível encontrar soluções para dirimir a pobreza e enfrentar as novas exigências postas para a vida dos indivíduos e das nossas coletividades.

Os sistemas de proteção social - em especial aqueles relacionados à garantia de uma renda mínima (ou básica) e das pensões para as pessoas e grupos sociais mais vulneráveis, e não só os de atendimento médico-hospitalar - devem ser colocados no centro de tais políticas.

Mesmo porque os países da América Latina e do Caribe carecem de adequada infraestrutura hospitalar (principalmente a de emergência) e de acesso suficiente a atenção e a equipamentos médicos. Por sua vez, os profissionais da saúde que se encontram nas linhas de frente não são ou não se sentem, segundo algumas pesquisas em curso, preparados para enfrentar a pandemia[5].

Ademais, existe um quadro de prevalência de doenças crônicas não transmissíveis (cardiovasculares, câncer, diabetes, respiratórias), dentre outras) (TABAKMAN, 2018; WEBBER, 2020; TRIGO, 2020).

Somado a isso, a desigualdade e as injustiças são intensificadas pelas diversas formas de opressão que não se manifestam imediatamente como dominação de classe

[5] Tomando como base a situação brasileira. Informação disponibilizada em http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/10-coronavirus-apenas-15-dos-profissionais-de-saude-se-sentem-preparados-para-lidar-com-pandemia-diz-estudo/.

– como a de gênero e etnia, a da falta de moradia e de planejamento urbano, a das políticas de encarceramento, as de migração para obtenção de trabalho (muitas vezes forçado) etc. Como sugere Webber (2020), todo esse conjunto implica sofrimento excepcional para milhões de pessoas.

Mas, se as condições do acesso à rede hospitalar e atenção médica são frágeis, como anteriormente comentado, a maioria dos países latino-americanos possui fortes estruturas sociais de base comunitária, incluindo diversas organizações não governamentais sem fins lucrativos, locais. Tais organizações, as quais também são capazes de enfrentar os graves problemas das opressões mencionadas, deveriam ser política e financeiramente sustentadas como base para políticas públicas de atenção e combate ao coronavírus.

Da mesma forma, iniciativas de políticas ou atividades regulatórias que não guardarem relação com o combate ao vírus no presente, e que não forem orientadas para planejar o enfrentamento de nova(s) pandemias no futuro próximo, não devem ser adotadas, evitando-se o que está em curso sob a administração Trump nos Estados Unidos da América, por exemplo (POTTER, 2020).

Por isso mesmo não parece fazer sentido a constatação, ainda que verdadeira, de que a América Latina enfrenta outra(s) epidemias, como a da dengue, por exemplo[6]. Essa é a situação em muitos outros lugares do planeta – veja-se a situação de diversos países do continente africano em torno de uma nova e grave invasão de gafanhotos, que afeta a segurança alimentar de milhões de pessoas na África e na Ásia[7], as dificuldades impostas a migrantes causadas por restrições de mobilidade na América e na África[8], ou as graves condições geradas por outras causas de morte na Ásia ou na Europa.

Por isso mesmo, estabelecer placares para posicionar a importância de doenças crônicas e endêmicas, ou de outras causas de morte (como acidentes de trânsito), esconde uma crítica à gravidade da pandemia, assim como aos modos como as populações (com suas diferenças internas) e governos estão reagindo a ela.

O que se requer, imediatamente, é um conjunto de políticas que deem conta de permitir alguma navegação na crise, num sentido uma vez proposto por Hobsbawm (1995) para pensar a relação entre economia e história. Do ponto de vista médico-sanitário, tais políticas devem incluir as incertezas epidemiológicas e a dos modelos de previsão que podem ser utilizados para predição e posterior controle do comportamento epidemiológico[9].

Para além delas, são requeridas políticas que recuperem a capacidade do Estado de intervir em favor da população, especialmente dos vulneráveis, e que estabeleçam

---

[6] Informação disponível em http://www.ihu.unisinos.br/599161-a-america-latina-enfrenta-duas-epidemias-ao-mesmo-tempo.

[7] Informação disponível em https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/05/21/world-bank-announces-500-million-to-fight-locusts-preserve-food-security-and-protect-livelihoods?cid=ECR_E_NewsletterWeekly_EN_EXT&deliveryName=DM65219.

[8] Informação disponível em https://www.iom.int/news/confirmed-covid-19-cases-south-america-represent-87-cent-total-latin-america-iom-launches?utm_source=IOM+External+Mailing+List&utm_campaign=8b032706f5-EMAIL_CAMPAIGN_2020_05_22_04_39&utm_medium=email&utm_term=0_9968056566-8b032706f5-.

[9] Uma discussão possível sobre o tema é a apresentada por meio de um modelo de simulação computacional denominado Trace. Ver em https://www.brookings.edu/testing-responses-through-agent-based-computational-epidemiology-trace/?utm_campaign=brookings-comm&utm_source=hs_email&utm_medium=email&utm_content=88190463.

pontes para novas formas de coordenar o crescimento e o desenvolvimento econômico, regulando seus principais vetores a partir de uma perspectiva ecológica e social não submetida ao poder das finanças.

O que resta dizer, por hora, é que se foram as escolhas políticas da classe dominante (ou da elite econômica e política, caso queiram) as que nos colocaram nesta situação, somente escolhas políticas radicalmente diferentes poderão tirar-nos dela. No conjunto, tais escolhas devem trazer o sentido público da vida para o centro do debate, de forma a construir formas democráticas de estão da economia e da vida.

Nos anos 1970, Eduardo Galeano observou que o processo de desenvolvimento da América Latina nos colocava de veias abertas à exploração política e econômica da Europa e dos Estados Unidos da América. Para o autor, todavía, "[…] *el pasado aparece siempre convocado por el presente, como memoria viva del tiempo nuestro*" (GALEANO, 2004, p. 340). Se é assim, e se foram os homens que produziram o passado, serão eles que o poderão alterar. E, se em tempos dessa pandemia as veias de sociedade latino-americana parecem revelar maiores desigualdades, pode ser essa a hora de estancar o que nos assola.

Referências

BOUSHEY, Heather; CUMMING, Carmen S. **Coronavirus recession deepens U.S. job losses in April especially among low-wage workers and women**. Washington, DC: Washington Center for Equitable Growth, 08 de maio de 2020. Disponível em https://equitablegrowth.org/coronavirus-recession-deepens-u-s-job-losses-in-april-especially-among-low-wage-workers-and-women/?utm_campaign=Economic%20Studies&utm_source=hs_email&utm_medium=email&utm_content=88230626

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA. ORGANIZAÇÃO INTERNATIONAL DO TRABALHO. El trabajo en tiempos de pandemia: desafíos frente a la enfermedad por coronavirus (COVID-19). **Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe**, n. 22, mayo de 2020.

GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. 76ª ed., revisada y corregida. México: Siglo Veintiuno Ed., 2004.

GROWN, Caren; SÁNCHEZ-PÁRAMO, Carolina. **The coronavirus is not gender-blind, nor should we be**. 20 de abril de 2020. Disponível em https://blogs.worldbank.org/voices/coronavirus-not-gender-blind-nor-should-we-be?cid=ECR_E_NewsletterWeekly_EN_EXT&deliveryName=DM61330

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos extremos**: o breve século XX - 1914–1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAHLER, Daniel G. et al. **The impact of COVID-19 (Coronavirus) on global poverty**: Why Sub-Saharan Africa might be the region hardest hit. Disponível em https://blogs.worldbank.org/opendata/impact-covid-19-coronavirus-global-poverty-why-sub-saharan-africa-might-be-region-hardest. Acesso em 29/04/2020.

OBSERVATÓRIO DA AMÉRICA LATINA. **O mercado de trabalho antes e pós-pandemia na América Latina**. 25 de maio de 2020. Disponível em https://observatorioamericalatina.com/o-mercado-de-trabalho-antes-e-pos-pandemia-na-america-latina/

POTTER, Rachel A. **Keep calm and regulate on?** Washington: Brookings Institute, 19 de maio de 2020. Disponível em https://www.brookings.edu/research/keep-calm-and-regulate-on/?utm_campaign=Economic%20Studies&utm_source=hs_email&utm_medium=email&utm_content=88183373

REDE DE PESQUISA SOLIDÁRIA - Políticas Públicas & Sociedade. **Covid-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade**. São Paulo: 4 de abril de 2020. Nota Técnica, 3. Disponível em https://redepesquisasolidaria.org/wp-content/uploads/2020/05/boletim3.pdf

REEVES, Richard V.; FORD, Tiffany. **COVID-19 much more fatal for men, especially taking age into account**. Washington: Brookings Institute, 15 de maio de 2020. Disponível em https://www.brookings.edu/blog/up-front/2020/05/15/covid-19-much-more-fatal-for-men-especially-taking-age-into-account/?utm_campaign=Economic%20Studies&utm_source=hs_email&utm_medium=email&utm_content=88183373

TABAKMAN, Roxana. Doenças crônicas: saúde em retrocesso na América Latina. **Medscape**, Nova York, 02 de outubro de 2018. Disponível em https://portugues.medscape.com/verartigo/6502822

TRIGO, José Prada. Coronavirus y geografía: dos reflexiones desde el sur global. ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE GEOGRAFÍA. **Reflexiones sobre la crisis Covid-19**. 21 de março de 2020. Disponível em https://www.age-geografia.es/site/wp-content/uploads/2020/03/prada-v1.pdf

WEBBER, Jeffery R. **Choosing between life and Capital in Latin America**: Interview with Jeffery R. Webber. Disponível em https://marxistleftreview.org/articles/choosing-between-life-or-capital-in-latin-america-interview-with-jeffery-r-webber/